

Gabriela, Otília, Fernanda, Beatriz, Lourdes, Malú e [ELAS]

O monólogo Gabri[ELAS], estrelado por Fernanda Viacava e dirigido por Malú Bazán - com uma equipe criativa totalmente compostas por mulheres -, apresenta-se como um experimento cênico-sensorial que dialoga com o legado de Gabriela Leite (1951–2013), a pioneira na luta pelos direitos das prostitutas no Brasil. Estreado no Sesc Avenida Paulista, e agora integrando a programação da 38ª edição do Festivale, o espetáculo é uma ode à memória de Gabriela, mas também uma pulsante reinterpretação de sua luta sob a perspectiva do desejo e da liberdade feminina.

A direção de arte, assinada por Kabila Aruanda, é uma das grandes forças da montagem. O espaço cênico transforma-se em um território híbrido, onde múltiplas linguagens convivem: projeções audiovisuais criadas por Cassandra Mello entrelaçam imagens documentais e poéticas, compondo um mosaico que materializa o arquivo vivo de Gabriela e sua luta. A cenografia minimalista contrasta com a intensidade simbólica dos elementos em cena, como tecidos, maquiagens e espelhos, que evocam tanto o desejo quanto o enfrentamento do estigma social.

A iluminação de Cristina Souto sublinha essa dialética, alternando entre tons cálidos, que remetem à intimidade e à carne, e feixes de luz branca, que destacam a força política do discurso. Esses recursos não apenas criam atmosferas, mas ajudam a friccionar os limites entre o palco e a realidade, transportando o público para dentro do universo de Gabriela e das "elas" que ela representa.

Fernanda Viacava oferece uma performance extremamente poética: sua entrega física e emocional cria um vínculo quase amoroso com o público. Incorporando a ideia de "muitas mulheres em uma só", proposta pela direção, a atriz constrói uma personagem multifacetada, que transita entre o relato autobiográfico e a denúncia política. A narrativa amplifica essas camadas, alternando entre tons confessionais e momentos de afirmação coletiva, como se Gabriela falasse através de Fernanda e de todas as mulheres que encontraram em sua luta um espelho.

O entrelaçamento narrativo entre a vida da atriz Fernanda Viacava e a personagem Gabriela Leite em Gabri[ELAS] é um dos aspectos mais potentes e transformadores do espetáculo. A escolha de construir o monólogo a partir das inquietações pessoais da atriz, que encontra na figura de Gabriela um reflexo de suas próprias experiências e questionamentos como mulher, amplia o impacto da narrativa, transcendendo a dimensão biográfica tradicional para atingir um plano mais íntimo e universal.

A fusão entre Fernanda Viacava e Gabriela Leite não é apenas interpretativa, mas existencial. Viacava, ao mergulhar na autobiografia *Filha, mãe, avó e puta*, inicia uma jornada de auto-reconhecimento e identificação com a luta de Gabriela. Essa proximidade cria uma relação de espelhamento, onde a atriz não apenas interpreta Gabriela, mas a reinscreve no tempo presente a partir de sua própria perspectiva, trazendo à tona um "eu-coletivo" que mistura as vozes de Gabriela, das prostitutas que ela representava, e da própria Viacava.

O corpo da atriz torna-se palco dessa intersecção narrativa. Ele carrega as marcas de Gabriela e, simultaneamente, as de Viacava: suas histórias, desejos e inquietações. Essa abordagem reforça a ideia de que o corpo feminino, como território de exploração e luta, conecta mulheres de diferentes tempos e contextos. No espetáculo, o corpo de Fernanda transborda os limites da representação para se

transformar em veículo de um discurso compartilhado, onde as experiências pessoais se entrelaçam com a potência política da personagem.

A dramaturgia de Caroline Margoni, aliada à direção sensorial de Malú Bazán, uma das principais encenadoras da sua geração, opta por borrar as fronteiras entre a ficção teatral e a realidade da atriz. O monólogo não é apenas uma narrativa biográfica de Gabriela Leite, mas também um relato das transformações que Viacava vive ao se deparar com a figura de Gabriela. Essa coexistência de narrativas cria uma polifonia de vozes que questiona o público: onde termina Gabriela e começa Fernanda? Ou melhor, importa distinguir?

A própria Viacava descreve seu encontro com Gabriela como uma experiência que "mudou seu jeito de olhar e de se colocar na vida". Essa transformação pessoal é explicitada no palco, tornando-se parte essencial da narrativa. O público acompanha não apenas a trajetória de Gabriela Leite, mas também o processo de auto-descoberta de uma mulher que, ao se deparar com a história de outra, reavalia suas próprias certezas e lugares no mundo.

O entrelaçamento entre atriz e personagem dá corpo à provocação central do espetáculo: a coexistência de muitas mulheres em cena. Gabriela Leite, ao lutar por si e pelas prostitutas, abriu espaço para que outras mulheres, como Viacava, se reconhecessem em sua luta. Essa fusão de identidades reforça a força coletiva das vozes femininas, mostrando que a luta de uma é, em essência, a luta de todas.

Em Gabri[ELAS], a conexão entre a vida da atriz e da personagem transcende a dramaturgia e se torna o coração pulsante do espetáculo. É essa fricção entre biografia e ficção que transforma o monólogo em um espaço de compartilhamento sensorial e político, onde a memória de Gabriela Leite é reativada não apenas como

arquivo histórico, mas como um espelho para a atriz e para o público. O espetáculo, assim, não apenas narra uma história, mas vive e reflete a transformação que ela pode provocar em cada um de nós.

Na construção imagética da obra, os pés e os sapatos podem ser interpretados como uma rica metáfora que dialoga diretamente com as temáticas de liberdade, trajetória e luta pelo reconhecimento das mulheres prostitutas. Essa simbologia se desdobra de várias maneiras, entre o íntimo e o coletivo, o concreto e o simbólico.

Os pés, por natureza, são a base do corpo, a conexão direta com o chão e o elemento que nos move. Em Gabri[ELAS], eles podem representar a força das mulheres que caminham, enfrentam desafios e ocupam espaços historicamente negados. Gabriela Leite caminhou, tanto metaforicamente, ao romper estigmas e avançar na luta pelos direitos das prostitutas, quanto literalmente, ao percorrer as ruas como cenário de resistência e existência.

Os pés também simbolizam a vulnerabilidade e a resistência das mulheres que, descalças ou calçadas, carregam histórias de opressão e empoderamento. Eles são a marca de quem pisa em territórios difíceis, mas que ainda assim deixa rastros de transformação.

Os sapatos, por sua vez, podem ser vistos como uma extensão simbólica da identidade feminina no contexto de Gabri[ELAS]. Nas artes e na cultura, sapatos frequentemente simbolizam aspectos do desejo, da liberdade e da construção de feminilidades, mas também podem carregar o peso de estereótipos associados às mulheres que transitam pelo universo da prostituição.

Um salto alto pode ser lido como símbolo de poder e sensualidade, mas também como um marcador de estigma, associado a visões preconceituosas sobre as "mulheres da vida". No espetáculo, os sapatos talvez sejam um elemento visual que dialoga com esses contrastes, expondo como as mulheres são vistas e como elas se veem, transformando o que é objeto de julgamento em ferramenta de resistência.

A trilha sonora de Nina Blauth e Girlei Miranda, com músicas originais de Blauth, é um elemento fundamental para a imersão sensorial do espetáculo. Misturando sons urbanos e melodias melancólicas, a música acompanha as transições emocionais da narrativa, evocando a rua como palco de luta e de vida.

O texto de Caroline Margoni é uma obra contundente, que equilibra memória e provocação. Ao evitar estereótipos e romantizações, a dramaturgia dá voz à figura real de Gabriela Leite e propõe um olhar crítico sobre a prostituição enquanto escolha e ato político. A decisão de adotar o termo "puta" como um símbolo de resistência e reapropriação linguística reforça a força disruptiva do texto.

A contribuição de Elaine Bortolanza em Gabri[ELAS] é fundamental, tanto no âmbito teórico quanto na construção cênica do espetáculo, ao trazer para o palco uma perspectiva feminista e política que reconfigura a narrativa sobre as mulheres prostitutas. Como pesquisadora e ativista, Bortolanza propõe um rompimento com os discursos tradicionais e estereotipados que, historicamente, vitimizam, romantizam ou estigmatizam essas mulheres. Seu trabalho curatorial e de pesquisa confere à montagem um caráter de denúncia e revalorização, tornando visível um legado de resistência ainda pouco explorado nas artes e na sociedade.

A proposição de Bortolanza evidencia a lacuna na representação das prostitutas como agentes de suas histórias. Ao questionar por que suas vozes e narrativas

permanecem à margem, ela destaca a importância de reconhecer o feminismo emergente a partir dessas mulheres, um movimento que reivindica desejo, autonomia e liberdade sexual como dimensões legítimas e centrais do discurso feminista. Sua abordagem desafia as representações tradicionais, deslocando o foco do olhar externo e julgador para a experiência vivida por elas.

Gabri[ELAS] não é apenas um espetáculo sobre Gabriela Leite, mas sobre todas as mulheres que se insurgem contra os papéis impostos e lutam por autonomia sobre seus corpos e narrativas. A montagem convida o público a refletir sobre as fronteiras entre desejo, opressão e liberdade, e o faz com uma linguagem cênica que provoca, emociona e informa.

O espetáculo se amplifica pela leveza de trazer ao palco um tema tão invisibilizado, abordando-o sob uma perspectiva transformadora. Ao reativar a memória de Gabriela Leite, Gabri[ELAS] reafirma a potência do teatro como espaço de resistência e empatia. É um convite a olhar para dentro, reconhecer as "elas" que habitam cada uma de nós e ampliar o legado de uma mulher que ousou tomar a palavra e reescrever sua história — e a de tantas outras.

Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador, crítico e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp, onde tem Mestrado em Artes, e jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes e do Prêmio Arcanjo de Cultura